

ISBN 978-65-89410-10-2

 EDITORA  
LABORO

# PEDAGOGIA & INOVAÇÃO

Organizadores

Profa. Ma. Bruna Rafaella Almeida da Costa

Profa. Dra. Sueli Rosina Tonial Pistelli



**Expediente Faculdade Laboro**

**DIRETORA GERAL**

Sueli Rosina Tonial Pistelli

**DIRETOR EXECUTIVO**

Geraldo Demosthenes Siqueira

**DIRETORA PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO**

Nilviane Pires Silva Sousa

\*\*\*\*\*

**REVISÃO E EDIÇÃO**

Bruna Rafaella Almeida da Costa

**DIAGRAMAÇÃO**

Pedro Henrique Macedo de Araujo

**COMISSÃO EDITORIAL**

Profa. Dra. Sueli Rosina Tonial Pistelli – Faculdade Laboro

Profa. Dra. Nilviane Pires Silva Sousa – Faculdade Laboro

Profa. Doutoranda Isis Maria Monteles Bastos – Faculdade Laboro

Profa. Ma. Bruna Rafaella Almeida da Costa – Faculdade Laboro

## **CONSELHO CIENTÍFICO**

### **DOCENTES:**

Bruna Rafaella Almeida Costa  
Leurides Costa de Araújo Soares  
Livia Mariana Costa  
Maria Eliana Alves Lima  
Nádya Christina Guimarães Dutra  
Priscilla de Sousa Barbosa Castelo Branco  
Wendla Mendes Silva Borge

### **DISCENTES:**

Ana Carla Ferreira Silva  
Andre Luís Cruz Souza de Jesus  
Cássio Lima  
Cibele Coelho Santos Pavão  
Cristieny Marisa de Sena Campos  
Darlene Coelho Rodrigues  
Danielle Silva  
Francisco Silva Ferreira  
Ludyanne Tarcila A. Silva  
Meridiana Bastos  
Moyra Thaylla A. Mezeses  
Phelipe de Araújo Sales  
Ranieri Tavares de Melo Pinheiro  
Ráylla Barbosa Araujo  
Rosiane Cristina Antunes Silva  
Stéfane Lúcia Ribeiro Fonseca  
Verônica de Cássia Alves Menezes

## **REVISTA “PEDAGOGIA E INOVAÇÃO”**

Direção Acadêmica - Faculdade Laboro/MA  
Av. Castelo Branco, Nº 605 - São Francisco, CEP: 65076-090

São Luís- MA  
Telefone: (098) 3216 9900

C837p Costa, Bruna Rafaella Almeida da

Pedagogia e inovação / Bruna Rafaella Almeida da Costa, Sueli Rosina  
Tonial Pistelli (Orgs.). – São Luís: Laboro, 2023.

45 f.

ISBN 978-65-89410-10-2

1. Pedagogia 2. Inovação 3. Educação 4. Formação didática 5.  
Docência do ensino superior I. Título

CDU 37.001.76

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Pedagogia e Inovação 37.001.76
2. Educação 37

Arielle Priscila Silva Soares – Bibliotecária – CRB 13/811

# Sumário

## Resumos:

<b>A Formação Didática como Princípio Fundamental para o Docente do Ensino Superior.....</b>	<b>6</b>
<b>Aprendizagem Baseada em Projetos:</b> em uma perspectiva educacional.....	<b>8</b>
<b>A Informação como Forma de Enfrentamento a Misoginia em Época de Pandemia.....</b>	<b>10</b>
<b>A importância do processo da leitura no ensino aprendizagem.....</b>	<b>12</b>
<b>Docência do Ensino Superior e a formação pedagógica do professor.....</b>	<b>14</b>
<b>Do Off ao On: Impactos da Utilização de Redes Sociais em uma Instituição de Ensino .....</b>	<b>16</b>
<b>Docência na Educação do Ensino Superior:</b> a importância do papel do docente na formação dos alunos.....	<b>18</b>
<b>Ensino Gamificado como Ensino Inovador Em Tempos de Pandemia.....</b>	<b>21</b>
<b>Gestão do planejamento dos espaços na Educação Infantil.....</b>	<b>24</b>
<b>Inovação e Avanço na Educação:</b> uma reflexão sobre a importância da tecnologia como instrumento de ensino.....	<b>26</b>
<b>Neuropsicopedagogia e a importância das funções executivas na aprendizagem. ....</b>	<b>28</b>
<b>O Bicho Papão dos Educadores Recém Formados:</b> Formação e Prática Docente, Uma Articulação Necessária Na Formação Do Educador .....	<b>30</b>
<b>Os Problemas Enfrentados na Vida Docente em Meio a Uso de Aplicativos.....</b>	<b>33</b>
<b>Psicomotricidade e Neuroaprendizagem:</b> Contribuições às Práticas Educativas.....	<b>35</b>
<b>TDAH e Aprendizagem:</b> Inserção de atividades lúdicas em sala de aula .....	<b>37</b>
<b>Artigos Completos:</b>	
<b>A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NA SOCIEDADE CAPITALISTA ATUAL: VIÉS POLÍTICO DA AÇÃO DOCENTE E O REFLEXO NA SALA DE AULA DA ESCOLA PÚBLICA.....</b>	<b>39</b>

# A Formação Didática como Princípio Fundamental para o Docente do Ensino Superior

Rosiane Cristina ANTUNES SILVA<sup>1</sup>  
Livia Mariana COSTA<sup>2</sup>  
Nádyia Christina Guimarães DUTRA<sup>3</sup>  
Faculdade Laboro, MA

## RESUMO

Este trabalho aborda um tema referente ao prestígio da didática na formação do professor do ensino superior, principalmente na área de docência. Tem o intuito de demonstrar o quão o uso apropriado poderá permitir um ofício efetivo e de sucesso para o docente que além de realizar, com êxito, as perspectivas anteriormente projetadas, proporcionará aulas qualitativas.

**Palavras-chave:** Didática; docência; docente; aulas

## INTRODUÇÃO

A didática tem sido uma extensa e necessária sinalizadora no compartilhamento dos conteúdos que o docente emprega para equipar as aulas. Todavia, existe uma imprecisão quando se tem uma expectativa que ela por si só apresente algo definitivo e demarcado permitindo um aprendizado qualitativo. É categoricamente impraticável fazer uso dela como único prontuário de direção, mesmo porque a sua consolidação está ligada à dimensão que vai aparecendo. A didática do professor há de ser flexível, considerando que cada classe ou sujeito estabelecerá práticas distintas.

Um bom professor que aspira ter uma boa didática necessita aprender a cada dia como lidar com a subjetividade dos alunos, sua linguagem, suas percepções, sua prática de vida. Sem esta disposição, será incapaz de colocar problemas, desafios, perguntas relacionadas com o conteúdo, condição para se conseguir uma aprendizagem significativa. (LIBÂNEO, 2001, p. 3)

A informação ou saber sobre determinado assunto a ser abordado é imprescindível para o docente que, empregando seus métodos ou artifícios, norteará a sua didática, sabendo que o mesmo método aplicado em uma turma não necessariamente se aplicará a outra turma e terá o mesmo efeito. O docente deve reconhecer a didática como a materialização da teoria dentro daquilo que foi planejado.

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de Neuropsicopedagogia. e-mail: rose.sccp@gmail.com

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

## **A DIDÁTICA COMO PRINCÍPIO FUNDAMENTAL AO DOCENTE**

Libâneo (2002) afirma que os profissionais do ensino necessitam ter uma propriedade global das bases teóricas científicas e tecnológicas, e uma juntura com as requisições sólidas da educação, porque é por meio desse comando que ele revenderá, considerando e aperfeiçoando sua aprendizagem educativa.

A prática do desenvolvimento de um docente nunca poderá ser eventual, vem sempre acompanhado e necessitado de planejamento, fins e atuações, contudo deve assinalar objetivos a serem adquiridos com a construção da didática, porque esta encaminhará pelo meio mais viável as conjecturas que se desejou dentro das probabilidades.

Entende-se, deste modo, nessa mesma linha de pensamento que a didática colabora, integralmente, para a concretização do aprendizado educativo de forma apropriada e de sucesso. Ela municia aos professores da educação básica e superior contribuições metodológicas e táticas para a finalização dos objetivos programados durante o processo educacional.

É sabido que o estudante, hoje, é considerado o inquisidor/investigador e o sujeito da aprendizagem, a disciplina de didática ou a didática aplicada pelo professor deve permitir a manifestação de suas múltiplas atividades. Segundo Cipriano Luckesi (2009), a didática vai além da técnica de ensinar. Ela auxilia na disposição do pensamento, na opção de um processo admissível de educação e mostra o melhor caminho da aplicabilidade.

Por fim, conclui-se que o planejamento é a condução mais favorável onde se mapeia um roteiro que facilite a didática do professor e onde se pretende chegar.

## **REFERÊNCIAS**

BORBA, Ernesto Oliveira; SILVA, Regina Nogueira da. A Importância da Didática no Ensino Superior. [S.l.]. [S.D.]. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2011/11/10/outros/75a110bfebd8a88954e5f511ca9bdf8c.pdf>. Acessado em 08 de dezembro de 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 1990.

SILVA, Vanderlane Francisco. A Importância da Didática no Ensino Superior. Disponível no endereço eletrônico: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-didatica-no-ensino-superior.htm>. Acessado em 20 de dezembro de 2020.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: Estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2013.

# Aprendizagem Baseada em Projetos: em uma perspectiva educacional

Meridiana BASTOS<sup>1</sup>

Maria Eliana Alves LIMA<sup>2</sup>

Priscilla de Sousa Barbosa Castelo BRANCO<sup>3</sup>

Faculdade Laboro, TO

## RESUMO

O trabalho em tela, objetiva abordar perfunctoriamente, porém de forma significativa, o que vem a ser e como se estabelece a aprendizagem baseada em projetos no ambiente educacional, na qual se trata de uma metodologia de aprendizagem proativa e multidisciplinar, que vem ganhando espaço cada vez mais em todos os ramos de atividade humana, onde o aluno tem a oportunidade de liderar seus processos de aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metodologia; Aprendizagem; Projeto.

Para entender como se desenvolve de fato uma aprendizagem baseada em projetos, é fundamental saber o que vem a ser um “projeto”, ou seja, ter a consciência de como trabalhar essa aprendizagem usando tal metodologia de forma significativa para o aluno. Para Baker e Baker, projeto “é uma sequência de tarefas com um início e um fim que são limitados pelo tempo, pelos recursos e resultados desejados” (Baker & Baker, 1998, p.5)

Assim, o projeto consiste em prévia organização de todo o trabalho que o estudante pretende realizar, uma vez que será por meio desse planejamento que se prepara e estrutura de todo o processo onde ocorrerá a aprendizagem. É como se fosse a antecipação das possibilidades factíveis e modificáveis no tempo, onde o aluno irá apresentar toda a problemática a ser solucionada.

Diante dessa rasa percepção de projeto, compreende-se em que consiste e como se desenvolve a aprendizagem baseada em projetos. Essa nova forma de aprender baseia-se em uma metodologia na qual a execução das atividades é direcionada pelo professor, que por sua vez, é responsável por conduzir o aluno na busca de novas descobertas, com o intuito de prepara-los para resolverem os problemas do mundo real.

Infere-se que a finalidade desse método de aprendizagem é estimular as competências e habilidades que os alunos possuem, e que por meio do desenvolvimento do projeto o professor possa instigar a criatividade, a empatia, o trabalho em grupo e a curiosidade, para que eles, através de suas experiências consigam colocar em prática o projeto e a solução da situação problema estabelecida.

Dessa forma, a aprendizagem baseada em projetos, consiste numa metodologia dinâmica em que todos os alunos estarão ativamente envolvidos de forma prática. A aprendizagem consiste na utilização de projetos autênticos e realistas, baseados em uma questão, tarefa ou problema

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de Gestão e Docência no Ensino Superior. e-mail: miana.bastos1981@gmail.com

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

altamente motivador e envolvente, em que os alunos aprendem conteúdos que estão presentes no contexto de vida desses estudantes. (BENDER, 2014).

Trata-se de uma metodologia construtiva, em que pode ser caracterizada pelo uso de problemas corriqueiros, porém de muita relevância para os discentes em sua trajetória de estudo (RIBEIRO, 2008). Uma vez que, por meio desses métodos, os alunos se sentem mais estimulados e desafiados a participarem, pois tem como objetivo principal a resolução de um problema cujo assunto está intimamente ligado à sua realidade, despertando neles a curiosidade e o interesse, tornando a aprendizagem mais factível.

Ressalte-se que tal aprendizagem deve ocorrer a partir de um projeto cujo o foco são experiências de aprendizagem que envolvem problemas formulados com base em situações empíricas, uma vez que a ideia, é que o estudante seja capaz de interagir com sua própria realidade, conseguindo perceber onde se encontra a falha, e de forma objetiva encontrar soluções para o problema proposto. Nesse contexto, é imprescindível que o ambiente de aprendizado seja apropriado para a execução do projeto, e que possa gerar inúmeras discussões, debates e reflexões, onde todos serão capazes de vislumbrar diversas competências e habilidades.

## **REFERÊNCIAS**

BAKER, S., BAKER, K. E. Project Management. Alpha books, New York, 1998.

BENDER, W. N. Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre: Penso, 2014.

RIBEIRO, L. R. C. Aprendizagem baseada em problemas (PBL): uma experiência no ensino superior [livro eletrônico]. São Carlos: EdUFSCar, 2008.

# A Informação como Forma de Enfrentamento a Misoginia em Época de Pandemia

Verônica de Cássia Alves MENEZES<sup>1</sup>

Livia Mariana COSTA<sup>2</sup>

Nádya Christina Guimarães DUTRA<sup>3</sup>

Faculdade Laboro, DF

## RESUMO

O trabalho apresenta a informação como um agente inovador a transformar a realidade de mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade causada pela misoginia em suas várias esferas física, emocional, psicológica, financeira, social, entre outras, violência essa que aumentou consideravelmente na Pandemia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Informação; Misoginia; Mulheres; Pandemia; Educação.

A informação sempre teve o seu valor para as sociedades, é através dela que os indivíduos são norteados a construir seus pensamentos, opiniões e principalmente se protegerem dos abusos que podem causar danos aos seus direitos. Nesse momento pandêmico o aumento de casos de violência contra a mulher se intensificou devido a necessidade de isolamento social, muitas mulheres de diferentes classes sociais passaram quase que diariamente por situações misóginas, a partir dessa situação conscientizar as mulheres sobre a Misoginia (muitas ainda a desconhecem e não sabe como ela se dá através de suas múltiplas facetas) se faz necessário para manter a força, o respeito, a liberdade e principalmente a dignidade das mulheres.

Já algum tempo, devido as possibilidades tecnológicas a comunicação é facilitada pelo advento da Internet quebrando barreiras físicas e sociais o que significa que a educação agora pode ser executada de várias formas e não existe maneira melhor para se combater a misoginia se não for através da educação, e educação nada mais é do que informar-se, apropriar-se, defender-se. Oferecer essa informação em meio a uma Pandemia certamente é um desafio tendo em vista que, propor encontros, oficinas, lives, debates e mesas redondas mesmo que on-line é bem perigoso para a mulher que agora se vê constantemente na presença de seu agressor misógino o que pode ser um disparo para um momento de agressão. É preciso considerar também que mesmo em tempos modernos ainda é grande no Brasil o número de mulheres que não tem acesso a Internet, como fazer então para que as mulheres nessas condições tenham acesso a informação? Talvez a resposta esteja no apoio dos grupos sociais que elas fazem parte, as instituições religiosas, as escolas que os filhos frequentam, as UBS - Unidade Básica de Saúde - seja nos próprios postos como também através dos seus agentes comunitários em suas frequentes visitas domiciliares, o importante é fazer as informações chegarem a essas mulheres desde do esclarecimento

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de Gestão e Docência do Ensino Superior. e-mail: alves.lavoro@gmail.com

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

sobre como identificar um relacionamento abusivo como também disponibilizar, telefones e endereços que elas possam recorrer quando forem vítimas dessa violência.

É relevante intensificar a divulgação dos direitos femininos: o direito de fazer escolhas em relação ao próprio corpo, de não permitir a reprodução da misoginia para as próximas gerações, e o direito de denunciar. É importante que as instituições de ensino incentivem a igualdade de gêneros, através de palestras e depoimentos reais. É de extrema importância que as leis passem a garantir efetivamente que, após a denúncia, a mulher esteja segura em relação ao seu agressor e também às muitas críticas severas da sociedade. A transformação desse quadro só será possível quando houver uma desnaturalização da desigualdade de gênero, equalizando assim as relações entre masculino e feminino, para que juntos homens e mulheres de maneira simultânea participem da construção de um novo comportamento masculino.

Essa pesquisa foi norteadada pelo livro “Homens Que Odeiam Suas Mulheres & As Mulheres Que Os Amam” da Dra. Susan Forward buscando o entendimento sobre o que é a misoginia, foi constatado a partir de análises dos contextos históricos que o pensamento errôneo de oprimir e controlar a mulher foi herdado pelas sociedades patriarcais. Foi viável verificar que a misoginia se manifesta contra o sexo feminino através de pensamentos depreciativos e que a mesma passa a ser o alvo de homens que dificilmente imaginam que são capazes de ter tal comportamento até porque os misóginos como também foi possível verificar, deturpam a situação ou seja, culpa apenas a mulher pelas desarmonias do casal.

As principais características da misoginia são perceptíveis desde que a mulher assuma para si mesma o compromisso de observar quando ocorre os abusos, caso a mulher não se comprometa a observar ela estará de certa forma mesmo inconscientemente assumindo um risco contra si mesma pois a misoginia quando atinge a maturidade é difícil de ser controlada. No contexto misógino as primeiras abordagens serão sempre de maneira afetuosa e carismática mas depois que perceber que a mulher está sob o seu domínio o misógino a transformará em alvo de suas agressões fazendo com essa mulher perca aos poucos suas defesas naturais.

As mulheres têm o desafio de reconhecer tal comportamento, e caso isso não aconteça estarão fadadas a conviver com um parceiro que não as trata de igual para igual. Irão desistir por não dar a devida importância as suas vontades, anseios e desejos e assim serão minguadas em seus sonhos e realizações. É preciso que a mulher que sofre abusos seja ele físico moral ou psicológico retorne ao controle de sua vida, uma relação benéfica só poderá ser construída quando ambas as partes assumem um compromisso pautado pelo respeito mútuo e isso inclui a participação do homem e da mulher nas decisões que envolve a relação.

Os relacionamentos misóginos tira o brilho da mulher, deixa seus sonhos para trás fazendo que essa mulher não enxergue algo especial dentro de si. A punição da violência contra mulher é outra conquista que ainda precisa de avanços, as mulheres que sofre misoginia se vitimizam naturalmente o tempo inteiro e são vítimas realmente, mas esse papel de vítima não pode ser o principal em suas vidas. O direito de ser vítima e de se sentir um “lixo” não pode ser maior do que o direito de se reerguer e de ser dona da própria vida. Isso sim, podemos chamar de empoderamento e esse empoderamento só é possível através da inovação do comportamento de toda a sociedade, homens e mulheres, sem nunca esquecer que nesse caso da violência contra as mulheres inovar significa transformar vidas.

## **REFERÊNCIAS**

FORWARD, Susan. Homens Que Odeiam Suas Mulheres & As Mulheres Que Os Amam: quando amar é sofrer e você não sabe porquê. Rio de Janeiro: Ed. ROCCO, 1989.

# A importância do processo da leitura no ensino aprendizagem

Ranieri Tavares de Melo PINHEIRO<sup>1</sup>

Maria Eliana Alves LIMA<sup>2</sup>

Priscilla de Sousa Barbosa Castelo BRANCO<sup>3</sup>  
Faculdade Laboro, MA

## RESUMO

Neste trabalho aborda-se a importância do processo da leitura no ensino aprendizagem na formação da pessoa. Destaca-se a leitura na escola e na família como fator primordial na formação crítica da pessoa, capaz e consciente de criar seu próprio significado é também criar e recriar seu pensamento, pois a leitura é o processo pelo qual o leitor realiza um trabalho de interação, compreensão e interpretação de textos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; Ensino; Aprendizagem.

Segundo Luckesi (2003, p. 119), “a leitura, para atender o seu pleno sentido e significado, deve, intencionalmente, referir-se à realidade. Caso contrário, ela será um processo mecânico de decodificação de símbolos”. Originariamente “ler” deriva do latim “lego/legere”, que significa recolher, apanhar, escolher, captar com os olhos. Leitura é considerada para uns um desafio a conquistar, para outros, uma atividade prazerosa.

É bom lembrar que a história da escrita começou na antiga civilização mesopotâmica (atual Iraque) por meio dos povos sumérios. Essas pessoas desenvolveram a escrita cuneiforme por volta de 4.000 a.C. Eles iniciaram o processo da escrita usando argila e a cunha (uma ferramenta de metal ou madeira dura, em forma de prisma). “Disponível. [www.educamaisbrasil.com.br](http://www.educamaisbrasil.com.br).”

Convém observar que floresceram em diferentes períodos, entre 5000 a 3000 a.C., várias civilizações, como a egípcia, babilônica, assíria, persa..., Há pelo menos 5.000 a.C., este florescimento parece dever-se ao fato que no Egito e na Mesopotâmia foram desenvolvidos sistemas de represamento e de irrigação, aumentando o crescimento populacional e fazendo com isso surgir a necessidade de um órgão de controle social tornando necessário o registro o registro das coisas realizadas. Assim surgiu a escrita. (RIBEIRO, 2002, p. 31)

Não se pode esquecer quando falamos em leitura, primeiro costuma-se compreender as palavras e o processo de alfabetização. No entanto, já nos alertava Paulo Freire (2003, p. 33) “que leitura é bem mais que decodificar palavras: é ler o mundo. E, neste mundo moderno, repleto de mensagens imagéticas, a leitura também envolve ler imagens”.

É possível provocar nos professores e nos pais, uma tornada de consciência sobre o que é a leitura a partir de sua própria prática pedagógica, para derrotar as falsas noções que continuam sendo utilizadas como referências para ação educativa escolar e familiar. Pois segundo Vygotsky (2000, p. 14), “o aprendizado é essencial para o desenvolvimento do ser humano e se dá

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de Produção e Inovação Científica., e-mail: ranierytavare@hotmail.com

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

sobretudo pela interação”.

É indispensável o desenvolvimento do interesse e hábito de leitura pois é um processo diário que se tem início em casa, aprimorando-se na escola e continua pela vida inteira através das interferências do meio cultural e dos esforços do indivíduo.

“A retomada de infância distante, buscando a compreensão do seu ato de ler o mundo, lhe é absolutamente significativa. E acrescenta, ressaltando que a velha casa dos pais era o mundo das suas primeiras leituras.” (FREIRE, 1999, p. 12)

Quando os pais não participam, torna a família ausente gerando uma carência que a escola não consegue prover. Ela julga não está inserida na aprendizagem da criança, pois pensar cabre somente a escola o desenvolvimento integral de seus filhos. O envolvimento dos pais na vida escolar da criança não é apenas um direito, mais uma real necessidade. É importante o professor procurar a melhor forma de auxiliar a criança na construção da aprendizagem criando metodologias de ensino, apresentando situações na qual a criança possa discutir suas ideias, pois sabe-se que ela procura o conhecimento na medida em que ela constrói seu raciocínio, através da linha do pensamento desenvolvida por ela, ao lê e escrever.

## **REFERÊNCIAS**

EDUCAMAISBRASIL. Leitura. <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/historia-da-escrita>. Acessado em 09.05.2022.

FREIRE, Paulo, Pedagogia da autonomia.: saberes necessários à prática educativa. Paz e terra (Coleção Leitura). São Paulo. 2003.

----- . A importância do ato de ler: três artigos que se completam. 38 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1996.

RIBEIRO, Nilzenir de Lourdes Almeida. Secretário: do escriba ao gestor. São Luís: EDFAMA, 2002.

VIGOTSKY. L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

# Docência do Ensino Superior e a formação pedagógica do professor

Francisco Silva FERREIRA<sup>1</sup>  
Livia Mariana COSTA<sup>2</sup>  
Nádya Christina Guimarães DUTRA<sup>3</sup>  
Faculdade Laboro, MA

## RESUMO

A formação pedagógica é importante para qualquer atividade docente, principalmente para Ensino Superior, diante disso, a pesquisa tem como objetivo descrever a importância da formação do professor para a docência do ensino superior, o método utilizado foi uma pesquisa bibliográfica e a conclusão: A formação do professor para a docência no ensino superior são indissociáveis a relação teoria, pesquisa, extensão e prática

**Palavras Chave:** Ensino Superior; Formação; Docência

## A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO NA DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR

A Formação de professores para a docência no ensino superior é bastante discutida no atual cenário educacional, visto que muitas vezes estes profissionais ingressam na vida acadêmica sem experiência, e seus saberes e métodos pedagógicos geram muitas dúvidas no passar do conhecimento, criando uma tensão explícita no bojo das instituições de ensino superior, a atividade docente do ensino superior, sendo que as vezes, mesmo apresentado uma grande conhecimento na sua área, mas necessitam, rever sua prática e método pedagógico (VASCONCELOS, 2000).

Esta temática é de suma importância para a melhoria do ensino na educação superior, pois, cada vez mais é necessário busca-se uma melhor preparação dos docentes universitários para o ingresso no magistério superior, e assim, estes possam passar da melhor forma os conteúdos e formar acadêmicos mais críticos, portanto, a ausência de metodologia e práticas pedagógicas corretas prejudica todo o processo de Ensino-Aprendizagem, visto que a formação pedagógica é uma prática que tem um peso enorme no atividade docente (MASETTO, 2008).

Partindo deste princípio, percebe-se que a experiência contribui efetivamente para o ensino nas universidades, pois, quando seu corpo docente é formado, em sua maioria, de iniciantes que nunca tiveram contato com uma formação pedagógica que abrangessem os conhecimentos teóricos e práticos relacionados à docência do ensino superior, onde o processo de ensino e aprendizagem, não relacione corretamente o aluno, como sujeito do

processo de socialização do saber; o docente como agente de formação, este processo de ensino está no caminho errado (TAVARES, 2003).

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno () do curso de Pós-graduação em Gestão e Docência do Ensino Superior.

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

Dessa forma, é necessário que os docentes iniciantes busquem aperfeiçoamento na sua formação, busque dominar os saberes didáticos e a relação de competência acadêmica com a competência didática. Diante desta questão que Pimenta e Anastasiou (2002), saliente que o processo de docência do ensino superior:

O avançar no processo de docência e do desenvolvimento profissional, mediante a preparação pedagógica não se dará em separado de processos de desenvolvimento pessoal e Institucional: este é o desafio a ser hoje, considerado na construção da docência no ensino superior (p.259).

Este debate sobre a formação docente para o ensino superior é bastante salutar, visto que é essencial para a sociedade, pois, os futuros detentores do conhecimento precisam de bons métodos para um aprendizado eficaz, e estes métodos é fruto de práticas que são obtidos através de formações continuadas, assim, aperfeiçoa a sua formação pedagógica e o docente pode colocar em prática dentro do espaço institucionalizado onde seu desenvolvimento pessoal possa percorrer os diferentes espaços universitários (MASETTO, 2008).

A prática de métodos pedagógicos no contexto da educação superior deve ser pensada e compreendida pelos docentes como uma qualidade do trabalho que deve ser oferecido aos discentes, tornando o processo de aprendizado mais prático, ou seja, na capacidade do docente de agir em circunstâncias previstas ou não em seu plano de ação, dessa forma terá competência e condição de passar o conhecimento de maneira correta.

Entendemos por competência a condição de não apenas fazer, mas de saber fazer e sobretudo de refazer permanentemente nossa relação com a sociedade e a natureza, usando como instrumentação crucial o conhecimento inovador. Mas que fazer oportunidade, trata-se de fazer oportunidades (DEMO, 1998).

Nesse contexto, que Perrenoud (2002), que o professor que tem competência e facilidade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos, aplicando com realidade e contextualizado, objetivando envolver uma situação complexa, tem competências essenciais ao ensino superior, navegando nos mares mais seguros do processo de ensino-aprendizagem, visto que as turbulências da era globalizada não serão capazes de atrapalhar seu ensino.

## **REFERENCIAS**

DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. 3 ed. Campinas, SP:Autores associados,1998.

MASETTO, M. T. Docência na universidade. 9. ed. Campinas: Papirus, 2008.

PERRENOUD, Philliph. Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote,1993.

PIMENTA,Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargo. Docência no ensino superior. São Paulo: Cortez, 2002.

TAVARES, José. Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem. Porto: Almedina, 2003.

VASCONCELOS, M. L.M. Carvalho. A formação dos professores do Ensino Superior. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

# Do Off ao On: Impactos da Utilização de Redes Sociais em uma Instituição de Ensino

André Luís Cruz Souza de JESUS<sup>1</sup>

Maria Eliana Alves LIMA<sup>2</sup>

Priscilla de Sousa Barbosa Castelo BRANCO<sup>3</sup>

Faculdade Laboro, MA

## RESUMO

No contexto de desenvolvimento tecnológico, a comunicação tem destaque no que se refere a promoção e distribuição de informações por meio das novas tecnologias digitais. Em virtude disso, a pesquisa propõe-se a investigar os impactos que o uso de redes sociais causa para o Senac Maranhão a partir da possibilidade de fortalecimento da imagem da instituição, da economicidade e da criação de canais de diálogos com seus públicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Redes Sociais; Relacionamento; Comunicação Digital; Impactos.

A sociedade tem passado por mudanças significativas em relação ao consumo, a política e aos compartilhamentos de informações. Essas transformações nos fazem refletir sobre a dinâmica atual. Na perspectiva do relacionamento entre organizações e seus públicos, as novas tecnologias digitais empreendem um referencial distinto nas relações interpessoais, propiciando uma nova realidade social, segundo Castells (2007).

O Big Data, Business Intelligence, Facebook, Instagram e Youtube, são exemplos de tecnologias digitais que efetivam para a Comunicação Organizacional um novo estágio no contexto das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação). Para notarmos a relevância do digital atualmente, segundo o censo de 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 35,7% das pessoas vivem sem esgoto, contudo 79,9% da população tem acesso à Internet.

Em virtude do fenômeno de globalização potencializado pela revolução tecnológica da informação, Kunsch (2003) ressalta a respeito da necessidade de as organizações planejarem sua comunicação de forma estratégica. Ao considerar o contexto e essa demanda, chegamos ao problema ou pergunta central desta pesquisa: Quais impactos que o uso de redes sociais causam para o Senac Maranhão a partir da possibilidade de fortalecimento da imagem, da economicidade e da criação de espaços de diálogos com seus públicos?

O tema torna-se relevante pois, investiga sobre a utilização de redes sociais e seus impactos em uma instituição que possui mais de 75 anos de existência. Além disso, O Senac é regularmente acompanhado por órgãos de controle como o Tribunal de Contas da União (TCU) que fiscalizam as suas ações, documentos e atestam a sua lisura. Além disso, a constante evolução das redes sociais e suas aplicações e usos na área da Comunicação Organizacional, configura-se em outra

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de Marketing e Gestão da Comunicação Digital. e-mail: andreecs29@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

motivação para o estudo.

O estudo é exploratório e descritivo e quanto aos procedimentos técnicos, optou-se por utilizar a pesquisa bibliográfica e a documental com base nas definições teóricas de Gil (2002). Em relação ao levantamento documental, a pesquisa pretende investigar Relatórios de Gestão<sup>3</sup> e Planos de Mídia do período de 2012 a 2021 para realizar um comparativo econômico entre o período em que a organização não usufruía de redes sociais e quando passou a utilizar.

Espera-se que os resultados dessa investigação possam nos responder quanto ao uso das redes sociais na perspectiva do Senac Maranhão. Isto é, saber se utilização dessas plataformas possibilitaram implementar e fortalecer as suas ações, conforme destaca Saad (2009) ao defender que toda e qualquer atividade comunicativa deve estar alinhada ao planejamento estratégico e objetivos de uma organização.

Dessa forma, destaca-se que a adequação entre a comunicação e os objetivos estratégicos da instituição é fundamental considerando o objetivo de conquistar novos públicos, criar vínculos e potencializar a marca no Maranhão e no Brasil, a partir do aspecto humanístico do marketing 5.0 conforme defende Kotler (2021) o qual destaca a relação entre a empresa e o público e não somente o consumo.

## REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura. V. 1, 10ª ed. Tradução: Roneide Venancio Majer. Atualização: Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução: Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CENSO 2018. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 05/02/2022.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. Planejamento de relações públicas na comunicação integrada. 4. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Summus, 2003.

KUNSCH, M. M. K. Comunicação organizacional na era digital: contextos, percursos e possibilidades. Revista Signo y Pensamiento, n. 51, p. 38-51, 2007.

KOTLER, P. Marketing 5.0: Tecnologia para a Humanidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo, Atlas, 2002.

SAAD, E. Comunicação Digital e novas mídias institucionais. IN: KUNSCH, M. M. K. Comunicação Organizacional. Histórico, fundamentos e processos – V. 1. São Paulo: Saraiva, 2009.

SENAC. Relatório de Gestão. Disponível em: <https://transparencia.senac.br/#/ma/>. Acesso em: 08 mar. 2022.

---

<sup>3</sup> Documento disponibilizado no portal da transparência da instituição que relata as principais ações, programas e atividades realizadas no ano.

# Docência na Educação do Ensino Superior: a importância do papel do docente na formação dos alunos

Cássio LIMA<sup>1</sup>

Livia Mariana COSTA<sup>2</sup>

Nádyia Christina Guimarães DUTRA<sup>3</sup>

Faculdade Laboro, MA

## RESUMO

A Educação é apontada como um dos pilares para o desenvolvimento social e cognitivo do estudante, sendo sua ausência o principal correlato à desigualdade social. Logo, educar, antes de tudo é a forma de produzir conhecimento, formar, e direcionar o caminho e comportamento das pessoas. Neste sentido, o docente do Ensino Superior além de educar, tem o papel de auxiliar os alunos na construção de sua identidade pessoal e profissional, para que adentre as esferas sociais. Posto isto, o presente trabalho busca argumentar com base bibliográfica a importância do papel do docente na Educação do Ensino Superior.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Docente; Ensino Superior.

A Educação Superior no Brasil se caracteriza pela lei Lei 9.394/96 - a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - em seu artigo 43, como a responsável por:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de Docência do Ensino Superior/e-mail: cassioroots@hotmail.com

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares (BRASIL, 1996).

À vista disso, ao serem observadas as particularidades específicas do Ensino Superior, verifica-se que o papel do docente acadêmico tem de ir além da transmissão de conceitos teóricos de sua aptidão. De acordo com Gil (2010), o professor que leciona aulas na Educação de Nível Superior se torna o profissional que media o processo de aprendizagem, assumindo diferentes funções dentro da posição em que ocupa, tais como: conselheiro, educador, mentor, pesquisador, agente socializador etc.

Dessa forma, com o entendimento que o professor e o aluno são indispensáveis para o caminho do conhecimento e que para que o resultado seja positivo, entende-se que a missão da educação superior deve ser de contribuir para a formação pessoal, além de direcionar o cidadão a assumir o seu papel sociedade em um período em que se exige uma construção de uma identidade social. Contudo, Morin (2003) indica que o propósito da didática superior deve ser o de estimular a pessoa, despertando-a e provocando-a ao crescimento de sua autonomia de espírito. Logo, ensinar não é apenas o ato de transmitir um conteúdo, mas sim elucidar uma cultura que ocasione a compreensão da condição humana, auxiliando na criação de um pensamento individual e livre.

Todavia, é necessário que a instituição de ensino e o docente trabalhem em conjunto e com o foco voltado para a aprendizagem enquanto profissional e enquanto pessoa, pois através desta linha de conhecimento, o indivíduo irá ter em mente que o espaço do ensino superior e a contribuição do docente seja um caminho para aprender, pesquisar, questionar, respeitar, trabalhar e acima de tudo a valorização do conhecimento enquanto pessoa de maneira política e social. (ROWE; BASTOS; PINHO, 2013).

Observa-se, portanto, que o papel do professor na educação superior exige não apenas um domínio de conhecimentos específicos a serem transmitidos, mas como também um profissionalismo ao qual é exigido para o exercício de quaisquer outras profissões. Entretanto, o papel do docente nas universidades e faculdades precisa encarado de forma mais relevante diante da ligação direta dos mesmos no auxílio da criação de uma identidade pessoal e profissional dos alunos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial - República Federativa do Brasil, Brasília 23 dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2022.

GIL, Antonio Carlos. Didática do ensino superior. São Paulo: Atlas, 2010.

MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 09. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

ROWE, Diva Ester Okazaki; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; PINHO, Ana Paula Moreno. Múltiplos comprometimentos com o trabalho e suas influências no desempenho: um estudo entre professores do ensino superior no Brasil. Salvador, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/osoc/a/xQdvTnsvYV3dZPQHgjt7GM/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 09 mai. 2022.

# Ensino Gamificado como Ensino Inovador Em Tempos de Pandemia

Phelipe de Araújo SALES<sup>1</sup>

Maria Eliana Alves LIMA<sup>2</sup>

Priscilla de Sousa Barbosa Castelo BRANCO<sup>3</sup>

Faculdade Laboro, DF

## RESUMO

O aprendizado tornou-se desafiador para os professores nesta última década. Muitos professores continuam com metodologias passivas de ensino e isso provoca falta de estímulo e vontade no aprendizado por parte de alunos no colégio público e particular. É onde a Gamificação entra, como proposta de inovação no processo de ensino-aprendizagem. De forma lúdica, envolvente e por vezes com teor competitivo, proporciona o estímulo necessário para que o ensino seja correspondido e tenha a sua eficácia na vida dos alunos e no aprendizado em sala de aula. A finalidade deste trabalho é apresentar este importante tema para vida de docentes em suas jornadas de aprendizado na vida dos alunos em tempos de pandemia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Gamificação. Jogo pedagógico. Aprendizagem.

## O CENÁRIO DA APRENDIZAGEM NO SÉCULO XXI

O cenário das salas de aulas por todo o país vem demonstrando muito desinteresse nos conteúdos programáticos por parte dos alunos, isso em razão de muitos educadores continuarem adotando metodologias conservadoras no processo de aprendizagem, algo que para essa geração se torna algo obsoleto, visto que o acesso a informação está na palma de suas mãos (FRAGELLI, 2017), (MARANHÃO et al, 2019).

A passividade acrítica e arreflexiva é o que se denota em grande parte dos alunos quando estão inseridos nas metodologias conservadoras, que por sua vez, é a reprodução do conhecimento e a transmissão do conteúdo por parte dos docentes (FRAGELLI, 2017).

É defendido que a aprendizagem se volte para questões que elucidam as dimensões humanísticas, reforço na empatia, na colaboração, na afetividade de forma que o ensino seja mais proveitoso, concreto duradouro e como exemplo a expertise dos jogos que trazem subsídios de aprendizagem ativa, experiencial e baseada em problemas (FRAGELLI, 2017).

Com essa realidade a Gamificação vem trazer elementos para participação, engajamento, como também para agregar nos interesses dos alunos e no despertar da curiosidade resultando na reinvenção no aprendizado (ORLANDI et al, 2018).

## GAMIFICAÇÃO E A DEFASAGEM ESCOLAR

A Gamificação é o processo pelo qual se empregam mecanismos e arquiteturas de videogames

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de de Gestão e Docência do Ensino Superior. e-mail: phsegueme@gmail.com

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

em ambientes que, em sua origem, não são jogos, como escolas ou ambientes de trabalho. Este processo tem ganhado espaço junto aos esforços de trazer metodologias ativas para os ambientes de aprendizagem, uma vez que os processos tradicionais de ensino nem sempre conseguem a adesão dos estudantes.

O interesse pelo estudo, o engajamento em atividades voltadas à educação e a aprendizagem sistemática tendem a diminuir com o andar dos anos escolares. Experiências em tempos de pandemia, como relata uma reportagem da BBC News Brasil: “Pandemia deve intensificar abandono de escola entre alunos mais pobres”, mostram que há um esforço grande em tentar minimizar estes impactos e trazer os estudantes de volta às unidades educativas. O que também pode ser observado em algumas experiências que lançam mão de palestra, psicólogos e apostilas na tentativa de reaproximar os estudantes. Os educadores, por sua vez, têm a consciência de que devem continuar os esforços e dar sequência aos estudos, mas, “depois que o aluno sai, é muito maior o esforço para trazê-lo de volta”, segundo a reportagem (IDOETA, 2020).

Este contexto não é apenas deste período pandêmico, o que torna a situação mais preocupante. Pesquisas da Galeria de Estudos e Avaliação de Iniciativas Públicas (BARROS, 2017) mostram que o desinteresse e a falta de engajamento levam à evasão escolar de 25% dos jovens entre 15 a 17 anos, com custos de 130 bilhões de reais por ano para o Estado. Diante desse cenário, a Educação Gamificada torna-se uma aliada de atração e permanência de crianças, adolescentes e jovens junto aos espaços socioeducacionais. Mesmo assim, é necessário lembrar que o mesmo público reage de formas diferentes, quando colocado diante de videogames. Por conta da infinidade de jogos e consoles disponibilizados pelo mercado, o número de jovens e crianças que se dedicam aos jogos tem aumentado a cada ano, não só em números, mas no tempo destinado a eles. Até o primeiro semestre de 2019, estima-se que 66% dos jovens adultos eram usuários frequentes de jogos, especialmente em plataformas móveis (MEIO & MENSAGEM, 2019). Isso não significa que exista unanimidade na aceitação de que os jogos tragam resultados positivos para seus usuários ou família. Por exemplo, “entre os pais gamers, 41,6% concordam — totalmente ou parcialmente — que os jogos podem atrapalhar a aprendizagem de seus filhos” (MEIO & MENSAGEM, 2019).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Estamos diante de uma urgência no setor educacional. A falta de vontade dos alunos em participarem das aulas e o método ultrapassado de alguns educadores está proporcionando uma defasagem escolar de grande massa. A tecnologia por meio dos games apresentam sinais e técnicas de retenção de como precisamos virar a chave na área nas escolas e de alguma adotar novas práticas educacionais.

Neste estudo, ficou claro que temos uma alternativa, a Gamificação. A utilização de sistemas de recompensa, táticas de jogos e mecanismos sociais competitivos, impactam diretamente na motivação e engajamento dos alunos pode ser a “luz no fim do túnel”, que tanto precisamos nas escolas, mas a escassez de conteúdo relacionado e a explosão de busca por assunto, deixam a pesquisa limitada.

## **REFERÊNCIAS**

FRAGELLI, Thaís Branquinho Oliveira. Gamificação como um Processo de Mudança no Estilo de Ensino Aprendizagem no Ensino Superior: um Relato de Experiência. Revista Internacional de Educação Superior, São Paulo, v.4, n.1, p.221-233, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650843/16979>. Acesso em: 20 fev 2020.

MARANHÃO, Kalena de Melo; REIS, Ana Cássia de Souza. Recursos de Gamificação e Materiais Ma-

nipulativos como Proposta de Metodologia Ativa para Motivação e Aprendizagem no Curso de Graduação em Odontologia. Revista Brasileira de Educação e Saúde, Paraíba, v.9, n.3, p.1-07, 2019. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/6239/5616>. Acesso em: 20 fev 2020.

ORLANDI, Tomás Roberto Cotta; DUQUE, Claudio Gottschalg; MORI, Alexandre Mori. Gamificação: uma Nova Abordagem Multimodal para a Educação. Biblios, Brasília, n.70, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.pe/pdf/biblios/n70/a02n70.pdf>. Acesso em 20 fev 2020.

IDOETA Paula Adamo. Pandemia deve intensificar abandono de escola entre alunos mais pobres. BBC News- Brasil: São Paulo, 23 julho 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53476057> Acesso em: 3 nov. 2020.

IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

BARROS, R. P. Galeria de Estudos e Avaliação de Iniciativas Públicas (GESTA): engajamento escolar. São Paulo: Fundação Brava, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2MxvuhE>. Acesso em: 15 set 2020.

MEIO & MENSAGEM. Games são entretenimento para 66% dos brasileiros. 2019. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/06/10/games-eletronicos-sao-entretenimento-para-66-dos-brasileiros.html> Acesso em: 15 set 2020.

# Gestão do planejamento dos espaços na Educação Infantil

Ludyanne Tarcila A. SILVA<sup>1</sup>  
Moyra Thaylla A. MENEZES<sup>2</sup>  
Livia Mariana COSTA<sup>3</sup>  
Nádyá Christina Guimarães DUTRA<sup>4</sup>  
Faculdade Laboro, TO

## RESUMO

O presente texto apresenta a importância de como o espaço escolar é planejado e organizado e que deve ser repensado para que seja promotor do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, que elas possam participar de situações nas quais consigam brincar nos espaços, encontrando diferentes contextos e desafios, sendo convidado a fazer uso de diferentes movimentos e a conhecer e explorar diversos materiais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contextos; Organização do Espaço; Brincadeira; Aprendizagem e desenvolvimento.

O planejamento dos espaços na Educação Infantil deve privilegiar o cuidar e o educar das crianças, garantindo primeiramente a integridade física das crianças, tornando este espaço um ambiente acolhedor, desafiador, criativo, instigante e, ao mesmo tempo, seguro.

Brincar todos os dias é fundamental. A Base Nacional Comum Curricular enfatiza esses dois eixos com propriedade na Educação Infantil, a Interação e a brincadeira. Com base nesses pressupostos e pensando nos contextos, a equipe gestora e docente devem planejar espaços e contextos como: espaço exploratório, jogo simbólico, o espaço da leitura e refeitório.

Os contextos são criados de acordo com o interesse da faixa etária, neste planejamento a equipe deve pensar no espaço, na estrutura, funcionalidade, quantidade de materiais a serem disponibilizados e tempo disponível para exploração. Após a tomada de decisão do espaço devem listar os materiais estruturados e de largo alcance, cada professor também deve compartilhar o que planejou e a equipe pedagógica faz suas contribuições acerca do que cada professor escolheu. Depois da tomada de decisão os docentes começam a organizar os contextos, muitos dos materiais são agregados no decorrer das vivências tanto pelos professores quanto pelas famílias.

Organizar o cotidiano das crianças na Escola Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de Gestão e Docência do Ensino Superior. e-mail: ludyannetarcila@hotmail.com

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de Gestão e Docência do Ensino Superior. e-mail: moyrathaylla@gmail.com

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>4</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

partir, principalmente das suas necessidades. (BARBOSA & HORN, 2001, P.67)

Para propiciar às crianças o desenvolvimento da autonomia, necessitamos de ambientes que favoreçam diversas possibilidades. Assim, é por meio da organização desses contextos que permitimos também que as crianças conquistem a autonomia e construam o conhecimento nas diversas linguagens da arte, da literatura, das expressões corporais e do faz de conta. Na preparação desses contextos consideramos a área interna e externa da escola, pois ambos são espaços educativos e que exploramos em diferentes propostas com foco nos seis direitos de aprendizagem: a convivência, a brincadeira, a participação, a exploração, a expressão e o conhecer-se.

“Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas” (BNCC, 2017, P.38)

Acredita-se que os ambientes da escola devem ser modificados pedagogicamente para que as crianças desenvolvam sua autonomia, pois com um ambiente democrático, inovador e ao alcance das crianças permita que elas pensem nas possibilidades, explorando o mundo ao seu redor, ou seja, para que a autonomia se construa é necessário que ela seja possibilitada por meio da proposição de atividades que para serem realizadas necessitam da percepção do ambiente por parte dos alunos.

Com todo esse contexto concluímos que o professor deve compreender que a organização reflexiva dos contextos faz com que se desenvolvam nas crianças diferentes capacidades potencializando as mesmas tanto em seus aspectos sociais, culturais e políticos. Portanto, cabe ao professor, por meio da mediação e da sua gestão, proporcionar um ambiente diversificado que oportunize as crianças o desenvolvimento de suas potencialidades, levando em conta todo um contexto ao qual ela pertence.

## **REFERÊNCIAS**

BARBOSA, Maria Carmen Silveira & HORN, Maria da Graça Souza. Organização do Espaço e do Tempo na Escola Infantil. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. (Orgs.). Educação Infantil: Pra que te quero?. Porto Alegre: Artmed, 2001. P. 67-79.

VIEIRA, Eliza Revesso. A reorganização do espaço da sala de educação infantil: uma experiência concreta à luz da Teoria Histórico-Cultural. 2009. 123 f. Tese (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília, SP.

LIRA, Aliandra Mesomo e SAITO, Heloisa Toshie Irie. Elementos norteadores da prática pedagógica na educação infantil: em busca de ações sistematizadas e emancipatórias. In: CHAVES, Marta (Org.). Intervenções pedagógicas e educação infantil. Maringá: Eduem, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

# Inovação e Avanço na Educação: uma reflexão sobre a importância da tecnologia como instrumento de ensino

Cibele Coelho Santos PAVÃO<sup>1</sup>

Darlene Coêlho RODRIGUES<sup>2</sup>

Maria Eliana Alves LIMA<sup>3</sup>

Priscilla de Sousa Barbosa Castelo BRANCO<sup>4</sup>

Faculdade Laboro, MA

## RESUMO

A utilização da tecnologia como instrumento de ensino faz parte da realidade das escolas do mundo inteiro. Ao pensar na inovação e avanço na educação, tenciona-se a utilização da tecnologia como ferramenta facilitadora do processo de ensino e aprendizagem no intuito de promover o desenvolvimento integral do educando.

**Palavras Chave:** Inovação; Avanço; Educação; Tecnologia.

A utilização da tecnologia como instrumento de ensino faz parte da realidade escolar de professores e alunos, possibilitando o acesso a modernas ferramentas didáticas dentro e fora da sala de aula que proporcionam avanços na educação atual.

A rapidez com que o avanço das tecnologias de informação se projeta, viabiliza o desenvolvimento de instrumentos didáticos que podem e devem ser utilizados pelos professores como facilitadores do processo de ensino e aprendizagem, oportunizando ao educando uma variedade de recursos e informações que tornam a ação educativa mais interessante, inovadora, dinâmica e eficiente.

Dessa forma, a utilização de instrumentos tecnológicos no âmbito educacional deve ser pensada sob um olhar de inovação e avanço na educação, no que tange a descoberta de novas metodologias de ensino que viabilizem a interação digital entre o educando e o conteúdo, ou seja, o aluno poderá interagir com várias ferramentas que o permita a usar os seus esquemas mentais com base no uso mediado e racional da informação.

Alguns estudiosos evidenciam que os instrumentos tecnológicos devem enriquecer as novas concepções de aprendizagem, justificando que as inovações promovem aos estudantes a oportunidade de assumirem uma posição mais crítica e influente na esfera de fomento educacional. (BARRETO, 2004; FONSECA; QUEIROZ, 2018; ALCÂNTARA; LIMA, 2019; FREITAS, 2018).

---

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de Educação Inclusiva: Atendimento Educacional Especializado- AEE. e-mail: cicicoelho80@gmail.com

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de Educação Inclusiva: Atendimento Educacional Especializado - AEE. e-mail: darlybidhu@hotmail.com

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>4</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

Os instrumentos tecnológicos contribuem para o aperfeiçoamento das novas maneiras de ensinar e aprender, proporcionando maior qualidade na educação. Plataformas, Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), objetos virtuais, jogos digitais, videoaulas, simuladores, editores de fotos, textos e vídeos, entre outros, compreendem os recursos tecnológicos que possibilitam novas maneiras de aprender, permitindo que o educando assuma um papel mais atuante e crítico no transcorrer do seu desenvolvimento.

O potencial da tecnologia é transformador, pois, possibilita a equidade, ampliando o alcance ao conhecimento e a meios educacionais variados, que tenham o objetivo de aproximar a escola do universo do aluno, buscando a qualidade na educação. Portanto, é importante refletir sobre a importância da tecnologia como instrumento de ensino no que diz respeito ao desafio de construir o conhecimento junto à educandos cada vez mais atualizados e antenados com a velocidade das informações, pois, faz-se necessário que o professor esteja preparado para o novo panorama que se projeta cuja aprendizagem é potencializada pelo avanço e inovação das tecnologias que garantem um ambiente educacional que integra competências e valores que favoreçam o alcance das habilidades cognitivas pretendidas ao educando.

Isto posto, TOSCHI, 2005; PINTO, 2004; ALMEIDA, 2003, apresentam uma abordagem que com a disseminação das tecnologias de informação e de comunicação, deve-se admitir que existe uma relação entre o conhecimento informático e os variados campos do conhecimento e que isso deu origem a um novo modelo de linguagem escolar: a linguagem digital.

## **REFERÊNCIAS**

ALCÂNTARA, S; LIMA, M. C. P. O (im) possível do educar na cibercultura: reflexões psicanalíticas sobre educação, tecnologia e os desafios da docência na contemporaneidade. SCIAS-Educação, Comunicação e Tecnologia, v. 1, n. 1, p. 2-23, 2019.

ALMEIDA, M. E. B. de. Tecnologia e educação à distância: abordagens e contribuições dos ambientes digitais e interativos de aprendizagem. In: Reunião Anual da Anped, v. 26, 2003.

BARRETO, R. G. Tecnologia e educação: trabalho e formação docente. Educação & Sociedade, v. 25, n. 89, p. 1181-1201, 2004.

FONSECA, V. Z. da; QUEIROZ, F. A. P. de. A Educação na contemporaneidade: contribuições da tecnologia digital para a inclusão das pessoas com deficiência auditiva. Revista Evidência, v. 14, n. 14, p. 93-101, 2018.

FREITAS, M. A. de. Tecnologia na educação. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia – Universidade Anhanguera. Osasco, 2018.

PINTO, A. M. As novas tecnologias e a educação. Anped Sul, v. 6, p. 1-7, 2004.

TOSCHI, M. S. Tecnologia e educação: contribuições para a Tecnologia e educação: contribuições para o ensino. Série Estudos, n. 9, p. 35-42, 2005.

# Neuropsicopedagogia e a importância das funções executivas na aprendizagem.

Ráylla Barbosa ARAUJO<sup>1</sup>  
Livia Mariana COSTA<sup>2</sup>  
Nádyá Christina Guimarães Dutra<sup>3</sup>  
Faculdade Laboro, MA

## RESUMO

A intervenção neuropsicopedagógica visa diminuir as dificuldades de pacientes que apresentam transtornos/dificuldades de aprendizagem. As disfunções executivas estão presentes nos pacientes que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem. Desta forma este trabalho objetiva compreender a importância da intervenção centrada nas funções executivas para o desenvolvimento da aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Funções executivas; Neuropsicopedagogia; Aprendizagem.

## 1. NEUROPSICOPEDAGOGIA E AS FUNÇÕES EXECUTIVAS.

A evolução humana depende da habilidade de aprender e adaptar-se as demandas do ambiente em que o ser vivo está inserido. Desta forma, compreender como as intervenções neuropsicopedagógicas podem favorecer o desempenho das funções executivas no processo de aprendizagem é fundamental para proporcionar ao paciente maior autonomia no seu processo de construção e adaptação do conhecimento.

A neuropsicopedagogia é uma ciência que busca integrar os conhecimentos da pedagogia, das neurociências e da psicologia, enfocados na aprendizagem humana (FONSECA, 2021). A avaliação neuropsicopedagógica busca identificar o desenvolvimento do paciente “em relação a atenção e as funções executivas de expressão do comportamento, o aspecto da linguagem, a compreensão leitora, a memória dos processos de ensino e aprendizagem, a motivação intrínseca e extrínseca e as próprias estratégias de aprendizagem” (SILVEIRA, 2019 p.15) com a intenção de proporcionar novos métodos e caminhos para o aprendiz.

Os estudos do neurodesenvolvimento apontam as funções executivas como essenciais para o processo de aprendizagem. Esses processos que ocorrem no córtex pré-frontal são responsáveis otimização do desempenho cognitivo, emissão de respostas adaptativas e desempenho em situações que requerem a operacionalização, a coordenação, a supervisão e o controle de processos cognitivos e conativos, básicos e superiores (FONSECA, 2014).

Segundo Dias e Seabra (2013) as três principais funções executivas são: flexibilidade cognitiva, que possibilita que o indivíduo aborde um problema a partir de uma perspectiva diferente e possa gerar soluções alternativas ou novas, sem manter-se preso a padrões pré-estabelecidos

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de Neuropsicopedagogia. e-mail: xxx@laboro.com

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

de comportamento; a memória de trabalho, permite que o indivíduo possa relacionar ideias, integrar informações presentes com outras armazenadas na memória de longo prazo e lembrar sequências ou ordens de acontecimentos; e a inibição que permite ao indivíduo controlar comportamentos inapropriados.

A aprendizagem autônoma e eficiente depende, portanto, do nível de desenvolvimentos das funções executivas no indivíduo. Um estudante precisa conseguir concentrar-se nos estímulos que o propicia novos conhecimentos (inibição), necessita estar aberto a interpretar os estímulos recebidos (flexibilidade), relacionar os novos conhecimentos a informações anteriormente recebidas (memória de trabalho) e planejar e executar as etapas de estudo domiciliar (flexibilidade/inibição/memória de trabalho) para obter uma aprendizagem significativa.

## **CONCLUSÃO**

Avaliar, conhecer e intervir nas funções executivas faz parte do papel do neuropsicopedagogo, pois, estas funções são fundamentais para a qualidade do processo de aprendizado. A intervenção neuropsicopedagógica deve ajudar o paciente a compreender seu estilo de aprendizagem e desenvolver suas próprias estratégias, promovendo sua independência e autonomia. Desta forma, desenvolver no paciente a flexibilidade, inibição e a memória de trabalho é fundamental para que ele possua menos necessidades de intervenções neuropsicopedagógicas no futuro.

## **REFERÊNCIAS**

DIAS, N.M.; SEABRA, A.G.; Funções executivas: desenvolvimento e intervenção. Temas sobre Desenvolvimento 2013; 19(107):206-12. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Natalia-Dias-13/publication/281177320\\_funcoes\\_executivas\\_desenvolvimento\\_e\\_intervencao/links/5604497408ae8e08c089ac7f/funcoes-executivas-desenvolvimento-e-intervencao.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Natalia-Dias-13/publication/281177320_funcoes_executivas_desenvolvimento_e_intervencao/links/5604497408ae8e08c089ac7f/funcoes-executivas-desenvolvimento-e-intervencao.pdf) Acesso in: 06 de fevereiro de 2022

FONSECA, Vitor. Neuropsicopedagogia e aprendizagem. In: Educabilidade cognitiva e neuropsicopedagogia: novos paradigmas da educação. Rio de Janeiro, Wak, 2021. p. 190

----- Papel das funções cognitivas, conativas e executivas na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. Psicopedagogia (online). Artigo Especial - Ano 2014 - Volume 31 - Edição 96

SILVEIRA, Rafael da. 2019. O que faz um Neuropsicopedagogo? Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 5. ISSN 2447-6943. Disponível em: Acesso em: 06 de fevereiro de 2022. p. 15.

# O Bicho Papão dos Educadores Recém Formados: Formação e Prática Docente, Uma Articulação Necessária Na Formação Do Educador

Cristieny Marisa de Sena CAMPOS<sup>1</sup>  
Maria Eliana Alves LIMA <sup>2</sup>  
Priscilla de Sousa Barbosa Castelo BRANCO<sup>3</sup>  
Faculdade Laboro, MA

## RESUMO

A presente pesquisa se propôs a discutir um fato que assombra grande parte dos educadores em formação – o exercício da profissão enquanto ainda recém formados e insegurança gerada pela falta de preparo no campo da prática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Docência; Práxis.

O tema deste trabalho é a práxis docente. O problema que se apresenta está relacionado ao fazer docente para aquele profissional recém formado. Colocar em ação todo conhecimento adquirido no percurso da formação acadêmica sempre é algo desafiador ao futuro profissional.

Essa pesquisa justifica-se pela percepção dos profissionais em início da carreira docente da lacuna aparente entre o aprender e o fazer dentro das licenciaturas e, como fazer para sanar ou pelo menos, minimizar tal lacuna.

O objetivo dessa pesquisa foi refletir acerca da práxis na formação docente e os desafios que se põe entre o aprender e o fazer.

O estágio curricular obrigatório configura-se como uma das disciplinas mais importantes na formação dos futuros docente, embora só compreenda pouco mais de 10% da carga horária destinada aos cursos de licenciatura conforme disposto na Resolução CNE/CP N° 2, de 20 de dezembro de 2019.

Em uma pesquisa realizada com cinco profissionais percebe-se que 100% dos entrevistados disseram ter tido dificuldades no primeiro ano de atuação docente.

Quando questionados sobre como as instituições de Ensino Superior poderiam investir para formação de um profissional mais preparado para assumir uma sala de aula, 80% concordaram que mais tempo de estágio supervisionado aliado a uma política educacional que favorecesse o ingresso gradual do educador ainda em formação nas redes de ensino de forma ativa para melhor compreensão dos processos educacionais.

As principais queixas giram em torno da insegurança e das habilidades didáticas referentes ao trabalho pedagógico. Souza e Guarnieri (2016) dizem “que a aprendizagem docente só expressará efeitos significativos se houver um espaço na formação inicial reservado para uma preparação consubstanciada na e a partir da prática, ou seja, um momento de inserção dos

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de. e-mail: crismscampos@gmail.com

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

futuros professores à docência.”

A sugestão para um processo de aquisição intelectual e prático na mesma proporção de conhecimento seria a reformulação da grade curricular dos cursos de licenciatura.

Esta é uma pesquisa qualitativa. Como fonte de pesquisa foi utilizada pesquisa bibliográfica dos autores Souza e Guarnieri (2016), análise de instrumentos legais e respostas de um questionário aplicado à 5 profissionais que atuam como docentes.

## REFERÊNCIAS

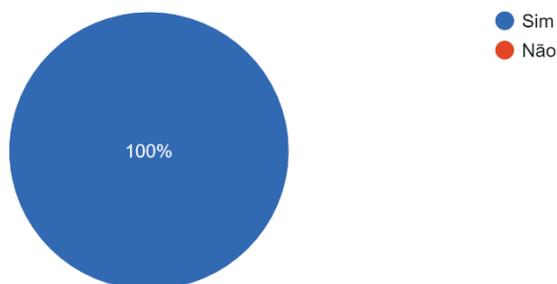
BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 2/2019, de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BN-C-Formação). Brasília, 2019. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pd-f/135951-rcp002-19/file>>. Acesso em: 16 fev. 2022.

SOUZA, Nathália Cristina Amorim Tamaio de; GUARNIERI, Maria Regina. O lugar da prática na formação inicial de professores: o conceito de preparo prático em contextos de inserção à docência no Brasil. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 11, n. 2, p. 625–643, 2016. DOI: 10.21723/RIAAE.v11.n2.p625. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8465>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

## ANEXOS:

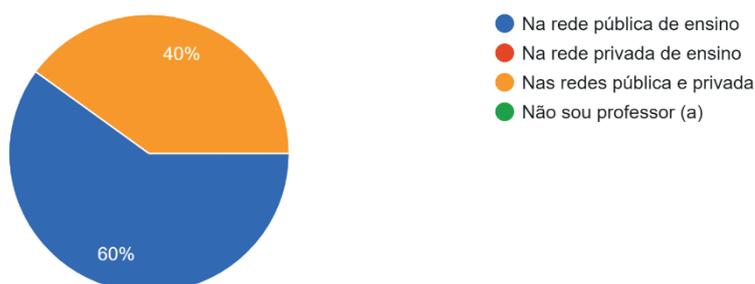
Você trabalha na área de educação?

5 respostas



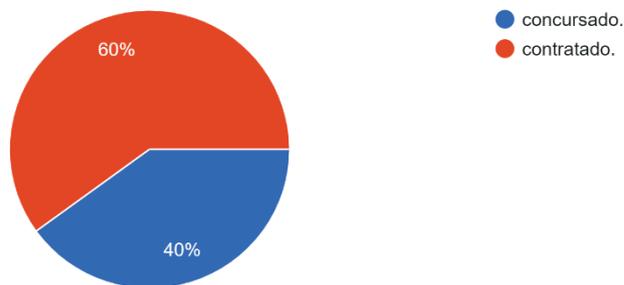
Se você é professor(a), você trabalha:

5 respostas



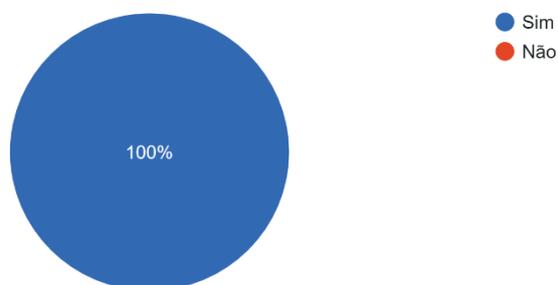
Se você trabalha na rede pública, você é:

5 respostas



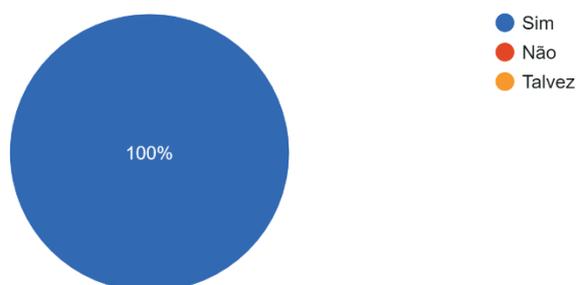
No seu primeiro ano atuando como docente, você sentiu dificuldades no trabalho?

5 respostas



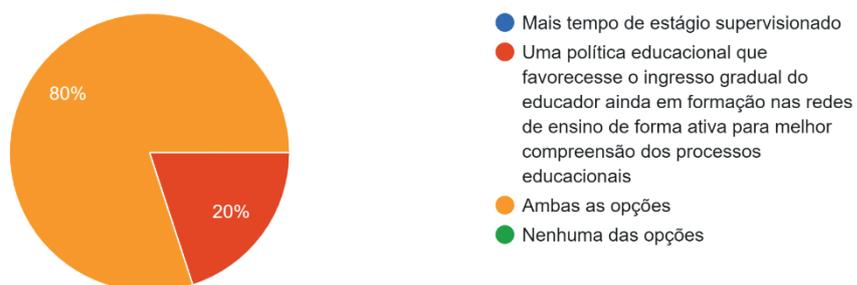
Gostaria de ter tido mais experiência em campo enquanto ainda cursava a faculdade?

5 respostas



Na sua opinião, em que as instituições de Ensino Superior poderiam investir para formação de um profissional mais preparado para assumir uma sala de aula?

5 respostas



# Os Problemas Enfrentados na Vida Docente em Meio a Uso de Aplicativos

Stéfane Lúcia Ribeiro FONSECA<sup>1</sup>

Livia Mariana COSTA<sup>2</sup>

Priscilla de Sousa Barbosa Castelo BRANCO<sup>3</sup>

Faculdade Laboro, MA

## RESUMO

O presente trabalho foi estruturado na carência de formação de professores no meio digital. A idealização de que os aplicativos se tornaram uma alternativa interativa para as dificuldades diárias enfrentadas por muitos docentes em várias partes do nosso país é bem necessária, pois já vimos que a acessibilidade às tecnologias da informação está mais próxima da prática e ainda existem muitas dúvidas sobre sua utilização no espaço escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, aplicativo, formação, professor

Sabe-se que formação do professor é essencial para um bom desempenho das práticas pedagógicas, mas será que tudo se resume a estudos durante a faculdade, livros e palestras? Não, hoje em um mundo totalmente digital o professor poderá usar diversos aplicativos para melhorar o aprendizado sobre determinados assuntos e a sua prática. Entretanto, muitos não conseguem utilizar de forma construtiva esses recursos, seja por medo ou simplesmente por mau uso, sobre isso a Lei de Diretrizes e Bases da Educação prevê em seu texto sobre essa temática:

O art. 62 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece diretrizes e bases da educação nacional, passa a vigorar acrescido dos seguintes parágrafos:

§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério.

§ 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância.

§ 3º A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação a distância.” (NR)

Em meio a um mundo onde as novas gerações já nasceram submersas ao uso de tecnologia principalmente como divertimento, acaba sendo uma necessidade os docentes se especializarem cada vez mais na área. Hoje existem inúmeros aplicativos de podcast, vídeo, imagens e quiz

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de Atendimento Educacional Especializado. e-mail: stephaneribeirofonseca@gmail.com

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

que podem ser inseridos no contexto escolar e que os educandos podem conhecer através de aulas bem mais dinâmicas, mas o professor precisa ter um mínimo de domínio sobre o assunto, pois ele acaba entrando em pauta em documentos norteadores das educações como a BNCC, que trata o assunto da seguinte forma.

“Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.” (BNCC, 2018).

Por isso, é importante dinamizar a forma como os aplicativos devem ser inseridos na formação do professor, à medida que o uso do celular e computadores se tornou mais acessível a escola e seus profissionais também devem ensinar sobre o uso consciente e construtivo destes dispositivos. (FONSECA 2014, pág. 34) afirma que “Não basta o professor ter os recursos disponíveis e saber manipulá-los. O sucesso da utilização dependerá da sua concepção de educação e do modo como utilizá-los na consecução dos objetivos educacionais”.

A inclusão digital tem o poder de romper com o ciclo da pobreza e da exclusão, fortalecendo o exercício da cidadania e abrindo portas para novos horizontes relevantes a vida social e cultural de cada cidadão, mas cabe ao docente apresentar de forma construtiva o uso da tecnologia no espaço escolar.

## **REFERÊNCIAS**

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades> Acesso em: 12/05/2022

BRASIL. Decreto presidencial para Lei 11.645/2008. Disponível em > [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm) Acesso em: 09/05/2022

FONSECA, J. J. S. da; FONSECA, S. M. H. P. da. Novas Tecnologias na Educação. 1ª Edição, 2014. cap. 1, p. 23-36. Disponível: [https://md.uninta.edu.br/geral/novastecnologias/assets/pdf/material\\_impresso.pdf](https://md.uninta.edu.br/geral/novastecnologias/assets/pdf/material_impresso.pdf). Acesso em: 15 de maio. 2022.

# Psicomotricidade e Neuroaprendizagem: Contribuições às Práticas Educativas

Danielle SILVA<sup>1</sup>

Maria Eliana Alves LIMA<sup>2</sup>

Nádya Christina Guimarães DUTRA<sup>3</sup>

## Resumo:

O trabalho discute sobre os impactos da psicomotricidade, aprendizagem e neurociência, tendo como objetivo discorrer as consequências no desenvolvimento e suas contribuições dessa atuação dentro das práticas educacionais.

**Palavras-Chave:** Psicomotricidade; Desenvolvimento; Aprendizagem.

## Revisão da Literatura

É de extrema importância a educação psicomotora para um bom desenvolvimento da criança a partir da educação infantil, assim como a estimulação adequada para a fase de desenvolvimento de cada criança. As habilidades motoras, linguísticas, cognitivas e afetivas, se estimuladas desde a infância, podem levar a criança a ter grande facilidade para conhecer melhor as características de seu próprio corpo e um bom desenvolvimento em relacionar-se com seu meio social. Sobre desenvolvimento, Piaget (1996, p. 63)

As aquisições de cada estágio de desenvolvimento são cumulativas, as habilidades adquiridas nos estágios anteriores não são perdidas a caminho de novos estágios. A estimulação psicomotora se estabelece como um instrumento facilitador de novas formas de comunicação e aprendizagem.

Faz parte do processo de aprendizagem também possuir habilidade motora, pois enfatizar a educação psicomotora desde a educação infantil faz com que o aprendizado de conceitos, de leitura e escrita sejam valorizados na vida social e escolar do aluno, confirmando assim que a psicomotricidade, mesmo que na educação infantil, é fundamental. Conforme Rossi (2012) ainda colabora para o desenvolvimento universal e uniforme da criança, como também se institui como a base fundamental para o processo de aprendizagem das pessoas.

Além desses objetivos, a educação psicomotora tem alguns elementos que se abrange, sendo eles: Coordenação Global, Coordenação Fina e Oculo manual, Esquema Corporal, Lateralidade, Estruturação Espacial, Orientação Temporal, Discriminação Auditiva e Discriminação Visual. Le Boulch, destaca:

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de Neuropsicopedagogia. email: daniellelouhane@hotmail.com

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

A educação psicomotora deve ser enfatizada e iniciada na escola primária. Ela condiciona todos os aprendizados pré escolares e escolares; leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o tempo, a adquirir habilmente a coordenação de seus gestos e movimentos, ao mesmo tempo em que desenvolve a inteligência. Deve ser praticada desde a mais tenra idade, conduzida com perseverança, permite prevenir inaptações, difíceis de corrigir quando já estruturadas. (LE BOULCH, 1984, p. 24).

Percebe-se então que o objetivo principal da educação psicomotora não é apenas a criança conhecer o seu próprio corpo, mas auxiliar na descoberta estrutural dos elementos com a realidade. Le Boulch (1984, p.24) aponta o objetivo central como contribuição para o desenvolvimento psicomotor da criança, da qual depende, a evolução de sua personalidade e sucesso escolar.

Ajuriaguerra (1983) analisando esse processo inicial do neurodesenvolvimento, considerou haver três etapas distintas. A primeira etapa se organiza a tonicidade de fundo (basal), a capacidade proprioceptiva, que tem como base da ação motora. Ocorre um período de construção gradual de ações voluntárias que consistem em movimentos com tendências mais equilibradas, proporcionando maior inclusão cinestética, em outras palavras, que o bebê aumenta a consciência em relação aos movimentos e não apenas o próprio corpo. Assim a tonicidade e movimentos se integram de maneira automática e conforme com as necessidades do sujeito para a melhoria da relação com o meio.

O primeiro ano do aluno é, em grande maioria, definido por seu potencial futuro para a aprendizagem. Nos próximos anos, até completar seis anos, o desenvolvimento progressivo de habilidades psicomotoras, vai lhe permitir trabalhar com concepções do mundo e então estar pronto para o processo de alfabetização formal.

Deste ponto inicial, sucede a importância da educação psicomotora, desde a educação infantil e nas séries iniciais, até que esse processo de alfabetização e introdução ao raciocínio lógico-matemático se preencha. É o progresso psicomotor que permite o aluno construir conhecimento sobre o mundo, sobre si mesmo e o que permite agir de forma organizada sobre ele. Em um próximo estágio o aluno se torna capaz de criar representações sobre o meio e conhecimento que acumulou, se qualificando para o desenvolvimento da linguagem.

Comprova-se, assim, que a eficiência neuropsicomotora define uma grande porcentagem no potencial de aprendizagem do aluno, contribuindo para o sucesso ou fracasso escolar.

## **Referências**

- PIAGET, Jean. A construção do real na criança. Rio de Janeiro: Ática, 1996.
- ROSSI, F. S; Considerações sobre a Psicomotricidade na Educação Infantil. Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – N. 01 – Ano I – 05/2012.
- LE BOULCH, Jean. A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- Ajuriaguerra J. Manual de psiquiatria infantil. 2ª ed. São Paulo: Masson; 1983.

# TDAH e Aprendizagem: Inserção de atividades lúdicas em sala de aula

Ana Carla Ferreira SILVA<sup>1</sup>  
Maria Eliana Alves LIMA<sup>2</sup>  
Nádyia Christina Guimarães DUTRA<sup>3</sup>  
Faculdade Laboro, MA

## RESUMO

É cada vez mais comum se deparar, na escola, estudantes com TDAH, que são confundidos com crianças que têm mal comportamento, que resistem aos comandos do professor, ficam inquietos, agitados. Contudo, isso tem refletido na aprendizagem em sala de aula, não conseguem se concentrar e acabam que ficando atrasados nos diversos conteúdos. A proposta é a iniciativa de abordar atividades lúdicas para o bom desempenho desses alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** TDAH ( Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade); Escola; Lúdico.

## DESENVOLVIMENTO

Conhecer seu aluno proporciona maior dedicação e disponibilidade, o que reflete em atividades mais elaboradas e concretas.

“Todos já ouvimos falar de crianças hiperativas, que não conseguem ficar paradas, correm de um lado a outro, escalam móveis e vivem a “a mil”, como se estivessem “plugadas na tomada”; ou daquelas desastradas, desajeitadas, que não conseguem prestar atenção em nada, que sonham acordadas e que se distraem ao menor dos estímulos. Não raro apresentam dificuldades de aprendizagem e de relacionamento, transformam a sala de aula em campo de guerra, gerando incompreensão de pais amigos e professores. Frequentemente recebem rótulos de rebeldes, mal-educadas, indisciplinadas, burras, preguiçosas, cabeças de vento, birutas, pestinhas”... (BARBOSA, 2009, p.11).

Como citado anteriormente, o estudante com TDAH, assim como todos os outros estudantes, possuem seu próprio tempo de aprendizagem; porém, em sua maioria, os estudantes com TDAH precisam de um tempo maior para internalizar o que foi ensinado. Nesse sentido, torna-se indispensável a intervenção do professor para que esse estudante não venha se sentir inferior em relação a outros integrantes da turma, bem como a turma não o caracterize como uma pessoa lenta e exótica (MAIA et al, 2015).

Segundo Maia “O despreparo docente leva ao fracasso escolar de ambas as partes e, em sua maioria, causa danos emocionais, cognitivos e sociais, pois, se houver uma má interpretação de determinada situação com o estudante com TDAH, ele poderá ficar mais agitado, inquieto e

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Aluno (a) do curso de Atendimento Educacional Especializado - AEE. e-mail: carla.ana.silva@hotmail.com

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

irritado, o que prejudica a comunicação entre professor – estudante – colegas. “Para lidar com os mais agitados, o professor deve propor atividades extras durante as aulas, segundos conselhos mais frequentes entre os especialistas, eles devem pegar tudo para você no armário, apagar a lousa, buscar não sei o quê, não sei onde” (apud RICTCHER, 2012, p.1).

Nesse contexto, apresentamos o lúdico que se oferece como instrumento dinâmico, pois oportunizam o desenvolvimento da criança, acentuando sua curiosidade, trabalhando os aspectos relacionados a desatenção, inquietude e impulsividade. Assim, a criança desvenda, arquiteta e aperfeiçoa suas habilidades.

“O lúdico se apresenta como proposta pedagógica no processo de ensino aprendizagem, ajudando no desenvolvimento físico e psicológico, além de proporcionar motivação para o aluno com TDAH, já que ele apresenta um grau de baixa autoestima muito elevado, pensando nas dificuldades e nas limitações de uma criança hiperativa, buscamos encontrar brincadeiras e nos jogos uma maneira de estimular e ensinar essas crianças de forma satisfatória e prazerosa” (CONSTRUIR NÓTICIAS Ed.95).

Não existe receita pronta para o comportamento de uma criança hiperativa em sala. A postura do professor que deve mudar buscando melhores condições para o aperfeiçoamento e socialização desse aluno. Uma brincadeira bem planejada e direcionada vai desenvolver a independência e a comunicação desse aluno, abordando essas metodologias em sala de aula, estes alunos não se sentirão tão prejudicados, pois, o prazer em aprender será bem estimulado, se sentirão mais capazes e capacitados para realização de suas tarefas.

Portanto, é importante desenvolver atividades com maior eficácia diante das dificuldades e, trazer uma aprendizagem mais significativa.

## **REFERÊNCIAS**

Silva, Ana Beatriz B. (Ana Beatriz Barbosa) Mentres inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

[https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148\\_535.pdf/](https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148_535.pdf/). Acesso em: 06 março de 2022.

<https://www.construirnoticias.com.br/o-ludico-como-processo-de-aprendizagem-para-criancas-com-tdah/>. Acesso em 05 de março de 2022.

# A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NA SOCIEDADE CAPITALISTA ATUAL: VIÉS POLÍTICO DA AÇÃO DOCENTE E O REFLEXO NA SALA DE AULA DA ESCOLA PÚBLICA.

Leurides Costa de Araújo Soares<sup>1</sup>

Livia Mariana Costa<sup>2</sup>

Priscilla de Sousa Barbosa Castelo Branco<sup>3</sup>

Wendla Mendes Silva Borge<sup>4</sup>

GT 6: Formação de educadores

**Resumo:** o presente trabalho é parte de um estudo em andamento sobre a formação inicial e continuada de professores em âmbito municipal no tocante ao viés político de sua prática. Trazemos a reflexão sobre as políticas de formação de professores na visão dos organismos internacionais e a importância do conceito de professor reflexivo para a construção de uma formação docente que promova o pensamento crítico dos alunos da escola pública. Utilizamos a pesquisa bibliográfica e concepção do materialismo histórico dialético para compreender como se constitui o conceito de formação e situa-lo no contexto social atual.

**Palavras-chave:** Formação docente. Professor reflexivo. Escola Pública

## Introdução

No atual contexto político brasileiro o professor tem se tornado alvo central das discussões no tocante ao ensino, no sentido de desvalorização de sua ação educativa, no esvaziamento de sua função política enquanto profissional da educação.

Discutir a formação docente dentro do contexto sócio-político e tentar compreender como se descamba todo esse arcabouço societal para e no processo de ensino aprendizagem dos professores, isso nos colocará esclarecimentos para compreender a complexidade crítica relacionada à prática pedagógica que deve/deveria ser dentro da perspectiva crítico-reflexiva, tendo em vista que estamos situados dentro de uma sociedade pautada na luta de classes, e assim sendo, os intelectuais orgânicos, são os professores que no espaço da escola pública, em especial, encontra o grupo social que se situa do lado “oprimido” da disputa que, de um lado há a busca por privilégios e do outro, a luta por direitos.

Assim é necessário compreender possíveis convergências entre os participantes do processo educativo, no que se refere aos modos e formas como produzem a educação, bem como as práticas desenvolvidas pelos/as professores/as, em especial, as ligadas às políticas de formação inicial e continuada de professores. Por conseguinte, ampliar as vozes dos/as mesmos/as, potencializando os saberes e fazeres nas tantas e tão diferentes histórias vividas, na prática edu-

<sup>1</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>2</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>3</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

<sup>4</sup> Autor (a) do trabalho. Professora Mestra da Faculdade Laboro.

cativa como ação orientada, com sentido em que os/as professores/as têm papel fundamental como agentes, incluídos na estrutura social (SACRISTÁN,1999). Para tanto, torna-se necessário perceber os/as professores na diversidade de suas vivências nos contextos escolares, como profissionais que criam aquilo que recebem, o que exige um estudo consubstanciado do processo de constituição das políticas de formação continuada, no contexto das diversas práticas culturais e sociais das quais fazem parte, em meio a tessituras e atravessamentos de múltiplas e complexas relações

### **1.A formação do professor reflexivo na escola pública.**

Indiscutivelmente, modelos de formação de professores são percebidos percorrendo a forma de profissionalização do trabalhador da educação. Destaca-se o modelo de racionalidade técnica que se baseia na aplicação do conhecimento científico, articulação com a prática, porém sem romper os limites do espaço da sala de aula. No modelo de racionalidade crítica, os professores são reconhecidos como sujeitos que fazem “história”, portanto, são engajados em movimentos sociais e se comprometem com práticas coletivas, mas também com seu autodesenvolvimento cultural. (DINIZ-PEREIRA, 2011).

Ao pensar no que os sistemas de ensino entendem por formação continuada, Falsarella (2004, p.50) pontua como sendo uma “proposta intencional e planejada, que visa a mudança do educador através de um processo reflexivo, crítico e criativo”. Assim, ela deve ser motivadora para a pesquisa de sua própria prática pedagógica, tornando-se agente político, e que, independente do modelo no qual está inserido, age sobre a realidade e a transforma.

Porém este modelo de professor não coaduna com a hegemonia capitalista, que de forma “legal”, tem se apossado das diretrizes educacionais, submetendo o preparo do professor aos interesses do capital. Um campo da educação bastante disputado, principalmente após as reformas na política brasileira ocorridas em 1990, período caracterizado pelas consequências das crises do capital que influenciaram no ajustamento da política a ordem econômica mundial, através da produção material e no também ajustamento das vontades coletivas aos interesses mercadológicos.

Desse modo são mantidas as bases da sociedade de classes, das desigualdades sociais em todos os aspectos e instancias nas quais se manifestam e a culpabilização dos indivíduos pelos insucessos, considerando-se resultado de seus próprios esforços. Essas afirmativas podem ser confirmadas nas práticas das mínimas intervenções do Estado, defendendo uma “autorregulação” da economia e das leis mercadológicas, nos princípios da empregabilidade e da resiliência, que não garantem ao trabalhador a formação humana integral e condições de inserção no mundo do trabalho, mas exigem que ele seja apto a concorrer à “oportunidade de emprego”

Assim a escola, é considerada no discurso hegemônico, uma instituição que não pode mais em seu formato e função clássica, atender a “demanda” atual. Desse modo segundo essa ideologia a escola não está mais atendendo às exigências mercadológicas impostas atualmente, logo isso compromete o trabalho docente numa perspectiva de formação humana.

Segundo Kuenzer(2005) as competências para a vida social e produtiva requeridas pelo novo tipo de produção defendido e implantado no Estado Neoliberal capitalista, exigem um novo tipo de disciplinamento. Mas não um disciplinamento qualquer, aleatoriamente elaborado com o fim de contenção e manutenção da hegemonia do capital. Trata-se de um disciplinamento elaborado no íntimo dos interesses das grandes potências econômicas mundiais e dos seus organismos representativos, ou seja, aos interesses gerais do capital.

Esse disciplinamento é amparado em duas necessidades fundamentais : a necessidade da formação da força de trabalho adequada às mudanças do processo produtivo (em decorrência do avanço tecnológico e da nova forma de organização e gestão do trabalho (KUENZER,2005) bem como de regulação do conflito social, e estabelecimento de um consenso quanto ao lugar do poder, bem como quanto às normas sociais e comportamento a serem internalizadas e reproduzidas, em outros termos, ou seja, a necessidade de controle social.

Para este fim , é defendida a centralidade da educação, bem como a necessidade de um projeto educacional adequado às novas demandas do mercado às necessidade camaleônicas do sistema capitalista. O que acarreta a dependência entre educação e produção, a centralidade dos interesses econômicas na determinação das bases nas quais as políticas sociais deverão estar sustentadas.

No cerne da concepção neoliberal de educação, habitam os principais argumentos que sustentam a política capitalista a partir da década de 1990, em um exercício de remodelação dos ideais liberais às novas condições do mercado e da produção.

O caráter privatista da concepção neoliberal de educação está expresso na retirada do Estado do papel central de mantenedor das políticas educacionais, bem como na acomodação da função social em instancias representativas dos setores dominantes, incentivando formas privadas e não governamentais assistencialistas, em substituição de educação fomentadas pelas esferas estatais, como alternativa para garantir a eficiência dos gastos públicos.(COUTINHO;TEIXEIRA,2012)

Para tanto, o projeto educacional a ser adotado deve estar adequado a esta necessidade formativo, na medida em que é o principal instrumentos de (com)formação da força de trabalho necessárias à produção de riquezas , enquanto condição necessária para a manutenção da ordem capitalista. Diante desse projeto, o educador é apontado como figura central. Aquele sujeito responsável pela difusão dos conceitos-chave neoliberais , pela formação dos cidadãos , conforme os padrões estipulados em consonância com as necessidades, já afirmadas anteriormente de : formação de força de trabalho(competitiva, flexível, produtiva)adequada às novas demandas da produção e de conformação do consenso diante do lugar do poder, ou seja, de controle da movimentação social.

Parte-se do princípio de que a análise das influencias neoliberais na concepção de educação e de formação dos educadores, não deve prescindir a importância da compreensão deste objeto enquanto uma totalidade.

## **2.Ameaça ao trabalho de formação do pensamento crítico: O projeto de Lei n. 867/2015 e “conhecimento neutro”**

Na Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI :Visão e Ação , em outubro do ano de 1998 , Paris, o reconhecimento de que havia a necessidade de fomentar políticas de formação que tenham “ A missão de educar , formar e realizar pesquisas. Tal evento trouxe a discussão do papel central do professor na qualidade da educação, e para isso a necessidade de construir currículos mais flexíveis que se moldem às novas mudandas no mundo do trabalho

. Assim sendo, a pesquisa ganha papel de destaque neste sentido, passando-se a utilizar com frequência o termo professor pesquisador, a proposta de transformar o professor em um “investigador em aula”, aulas como laboratórios para teoria e prática.

Donald Schon(2000), traz o conceito de professor -reflexivo, o qual deve pautar seus saberes na e pela ação, segundo ele, “a prática profissional surge como oportunidade para construção do conhecimento que se realiza por meio da reflexão, análise e problematização. Para o pesquisador a atuação do educador envolve conhecimento prático( conhecimento na ação, saber-fazer);a reflexão sobre a ação e a reflexão na ação(que é o nível reflexivo)

Há uma contribuição ainda mais interessante, na perspectiva do professor reflexivo trazida por Evandro Ghedin, em “Professor reflexivo: da alienação da técnica, à autonomia da crítica”, que se opõe a Schon, ao colocar que o conhecimento vai para além da prática:

O que Shon está criticando é que o conhecimento não se aplica a ação, mas está tacitamente encarnado nela e é por isso que é um conhecimento na ação. Mas isto não quer dizer que seja exclusivamente prático. Se assim o for, estaríamos reduzindo todo saber a sua dimensão prática e excluindo sua dimensão teórica. O conhecimento é sempre uma relação que se estabelece entre a prática e as nossas interpretações da mesma; é a isso que chamamos de teoria, isto, é um modo de ver e interpretar nosso modo de agir no mundo (GHEDIN,2005)

Há uma proposta que se chama de epistemologia da prática, na formação de professores, um “movimento operacionalizado simultaneamente pela ação e reflexão, isto é, a práxis é uma ação final que traz, no seu interior, a inseparabilidade entre teoria e prática.

Na contramão do entendimento e aplicação desse conceito de formação docente surge um projeto de Lei que ganha destaque a nível nacional, que tenta “amordaçar” os professores, de forma que o sentido desta prática não alcance o objeto social mais importante para a classe trabalhadora, que é ser formada enquanto sujeito agente no seu meio social. O movimento que se define como Escola Sem Partido é um movimento que se coloca como uma iniciativa conjunta de pais e estudantes preocupados com o grau de contaminação político-ideológica que professores possam estar fazendo em sala de aula, que tramita na Câmara e no Senado desde o ano de 2015.

Frigotto (2017) nos oferece uma leitura esclarecedora a respeito da ameaça desse projeto em seu livro: Escola Sem Partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira, desmistifica o conceito o que seria o “sem partido” e conceitua historicamente seu surgimento, trazendo os devidos esclarecimentos, em como pode ser prejudicial para o exercício do pensamento crítico em sala de aula. Tal projeto tem como proposta não serem debatidos em sala temas como diversidade, questões de gênero, e posicionamentos políticos frente ao contexto da sociedade: O que o próprio Frigotto chama de “desmonte da função docente”:

O passo necessário neste processo implicaria a mudança da função docente iniciando o ataque aos profissionais da educação, tirando-lhes a autonomia de ensinar, de educar e de avaliar. No mesmo processo, atacar as universidades públicas com a justificativa de que, ao incluírem em seus currículos de formação de professores de economia, sociologia, filosofia, etc., ideologizam o

que deve ser a formação docente -treinar para o ensinar. Sob a ideologia da neutralidade do conhecimento e da redução do papel da escola pública de apenas instruir, esconde-se a privatização do pensamento e a tese de que é apenas válida a interpretação dada pela ciência da classe detentora do capital. (FRIGOTTO, 2016, p. 29)

É algo que vai contra a natureza da função de educar, numa negativa às origens sociais dos estudantes da escola pública, é matar de forma legalizada e perversa a liberdade de construir a reflexão do sujeito que vive sob a lógica esmagadora do mercado, do mundo neoliberal. O professor reflexivo, no sentido da epistemologia da práxis, colocada por Ghedin (2002), se tornará um “criminoso”, pelo simples e fundamental fato de construir o exercício de pensar.

O professor que toma sua prática como ferramenta a serviço da transformação da sociedade, quando conscientiza seus alunos de seu poder de refletir e mudar sua realidade, é o professor que na lógica do Escola Sem Partido, é o “doutrinador”. É preciso que a classe trabalhadora se reconheça enquanto tal, para que a partir dessa consciência social, se liberte das amarras do destino traçado pela lógica capitalista. O sujeito que compreende as relações econômicas de sua sociedade, se conscientiza e conscientizando-se, muda o seu meio. É na escola pública que Organismos Internacionais enxergaram a mão-de-obra qualificada que precisam para manter o ritmo de produção, qualificar e criar a concorrência entre os pares das classes subalternas. E estes, limitando-se ao conhecimento “homeopaticamente” distribuído entre as massas através do convencimento ideológico de uma “Educação para Todos”, mantêm o status quo.

É necessário romper com essa lógica nefasta de reduzir a escola pública a laboratórios de mão-de-obra barata, transformando os educadores em “dadores de aula”, reduzindo o ensino à instrução mecânica, criminalizando o ato de pensar. É necessário, que estudantes e professores, no interior das relações em sala de aula, na escola, como um todo, fortaleçam a resistência contra o retrocesso no bojo do processo de ensino-aprendizagem, é preciso desmistificar a escola enquanto moeda de troca, e romper com a ideia de mercantilização da educação, a redução, a limitação da liberdade de pensar sobre. Vemos no percurso histórico de formação de professores, avanços e retrocessos no tocante a investimentos financeiros e ideológicos nas políticas de formação a nível mundial, mas nada tinha se apresentado tão violento e cruel como é a proposta do Escola Sem Partido para o professor. Em especial o educador da escola pública, local onde se encontra a massa de trabalhadores em potencial para o mercado de trabalho, exclusivamente.

## **Considerações finais**

Com base no exposto, é possível observar que historicamente as políticas para a formação docente a nível global, e especificamente no contexto brasileiro, levam a profissionalização no limite do nível técnico e aligeirado. Os professores estão cada vez mais sendo reduzidos a conceitos meramente “instrucionais”, na forma da lei está cada vez mais claro que o projeto é descharacterizar a função docente, numa clara tentativa de mercantilizar esta profissão. Muitas lutas ainda serão acirradas para manter a gênese e a essência do exercício docente: a formação do indivíduo enquanto ser pensante. Baseado no entendimento marxiano de que estamos situados

em uma luta de classes, matar o pensamento crítico é o mesmo que dizimar a classe oprimida, é o mesmo que manter ideologicamente o status quo. A principal vítima do projeto de Lei Escola sem Partido, além dos professores, são os filhos dos trabalhadores, aqueles que devem ser “treinados” para servir, e não para transformar e estes estão na escola pública. A importância de uma formação de professores baseada no pensamento crítico, em políticas que valorizem a práxis docente, atinge e beneficia esses sujeitos. Há que se trabalhar no sentido de criar estratégias que valorizem e potencializem a natureza desse movimento e que parta do e no processo de ensino-aprendizagem indo para além dos muros da escola, para a vida em sociedade desses sujeitos.

## **Referências**

A formação docente superior: hegemonia do capital no Brasil. Revista Retratos da Escola. Brasília. 2017,v.11.

COUTINHO;TEIXEIRA. Neoliberalismo e educação: novos conceitos e estratégias de disciplinamento e suas influências para a formação de educadores.Rev. Educação e Emancipação.São Luís/MA,Jul;Dez.n2,v5.2012

DINIZ-PEREIRA, Júlio, ZEICHNER, Kenneth M. (orgs.) A Pesquisa na formação e no trabalho docente. 2.ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.

FALSARELLA, A.M. Formação continuada e prática de sala de aula:os efeitos da formação continuada na atuação do professor.Campinas,São Paulo: Autores associados, 2004.

FRIGOTTO,G.(Org).Escola “sem” Partido: uma esfinge que ameaça a educação e a sociedade.Rio de Janeiro,2017

GHEDIN,Evandro .Professor reflexivo : da alienação da técnica à autonomia da crítica.São Paulo:-Cortez,2005.

KUENZER, A.Z.Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho.In:SAVIANI,D.SANTELECI,J.LOMBARDI,J.C(Org).Capitalismo, trabalho e educação .3.ed.Campinas: Autores Associados, 2005

RAMOS,Marise Nogueira.Escola sem Partido: a criminalização do trabalho pedagógico.IN:FRIGOTTO,Gaudêncio(Org).Escola “sem” Partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira.Rj:VEPJ,2017

SACRISTAN, J. Gimeno. Poderes instáveis em educação. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SHON,D.A.A Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Trad. Roberto Cataldo Costa.Porto Alegre:Artmed,2000.



**LABORO**  
ENSINO DE EXCELÊNCIA